

Investigar fotografando – notas imagéticas de uma sociologia das desigualdades sociais

BOURDIEU, Pierre: “*Images d’Algérie – Une affinité elective*” Actes Sud, Coedição de Sindbad e Camera Austria. Janeiro de 2003, 220 páginas. Inédito no Brasil.

Nesta obra o ritual de trabalho é narrado como extremo: diariamente Bourdieu iniciava seus registros às seis horas da manhã e os concluía às três da madrugada. O tempo urgia e era necessário tudo registrar. Nos bastidores de uma guerra anunciada encontramos em Pierre Bourdieu, um dentre os maiores sociólogos da contemporaneidade, o experimentalismo de um intelectual que ousou revelar por meio do rigor acadêmico das pesquisas sociológicas a face subjetiva da composição fotográfica. Em relação ao cotidiano árido da Argélia, Bourdieu registrou incansavelmente tudo o que via como tentativa de compreender as contradições sociais sofridas pelo povo argelino frente à barbárie do colonialismo francês. Sobre a objetivação sociológica do cotidiano argelino, Bourdieu avançava em suas observações etnológicas contando com a proteção de suas lentes *Zeiss Ikonflex*, que lhe permitia fotografar sem ser notado. Ao distanciamento de sua câmera *Rolleiflex*, Bourdieu combinava a razão reflexiva e participante do observador acadêmico, que tentava não se deixar sucumbir frente ao desespero de uma população que definhava sob os dogmas do progresso.

Reunidas pela primeira vez em um único volume, *Imagens da Argélia* é resultado da seleção feita Franz Schultheis a partir de aproximadamente duas mil fotografias registradas no fim dos anos 50, por ocasião do serviço militar obrigatório que desenvolveu em plena guerra da Argélia, lugar onde ele também deu início a suas atividades como professor. Graças à encomenda do professor e sociólogo Schultheis, o qual já publicara uma série de entrevistas com Bourdieu, a edição desse clássico da Sociologia tornou-se pública sob a forma de uma exposição fotográfica e de um livro dividido em dez capítulos permeados de ensaios, entrevistas e observações etnográficas resgatadas pela memória do próprio Pierre Bourdieu em seus últimos anos de vida. Lançado em 2003, um ano após sua morte, com o patrocínio do Instituto do Mundo

Árabe, *Images d'Algérie – Une affinité élective*, ainda inédito no Brasil, reserva para os apreciadores de teoria da imagem uma delicadeza visão acerca de uma pesquisa conduzida pelo exercício proposital da alteridade nas pesquisas antropológicas. Em suas palavras, Bourdieu afirmava que tirar fotografias era uma maneira de dizer-lhes “eu me interessava por vocês, eu estou com vocês, eu escuto suas histórias, eu vou testemunhar sobre aquilo que vocês vivem”. Assim, ele encontrou na prática fotográfica um meio de envolver-se com os modos de produção da agricultura argelina. Como observa este autor a principal fonte de economia do país, caracterizada pelo campesinato tradicional, estava em vias de ser substituída pela promessa de um novo mundo despertado pelo capital.

Não é para menos que Bourdieu considera ter se tornado um verdadeiro sociólogo e etnólogo pela experiência argelina. A fotografia foi escolhida como mediador adequado para acompanhar o pesquisador na elaboração das minúcias que integram o saber antropológico e etnológico, exatamente quando as palavras não conseguiam abarcar as urgências daquele mundo. Neste sentido, para Bourdieu, a fotografia “supõe também toda a proximidade com um universo familiar, mediante um olhar atento e sensível aos detalhes imperceptíveis que a familiaridade lhe permite, intimando-o a apreender e interpretar em campo tudo aquilo que é infinitamente pequeno na prática e que escapa frequentemente ao etnólogo mais cuidadoso”.

“Ver para fazer ver, compreender para fazer compreender”. É com essa frase que Bourdieu ilustra a importância das imagens em sua inserção acadêmica. A fotografia lhe ofereceu o anteparo incondicional que lhe permitira adentrar a pesquisa social de situações extremas sem leva-lo ao desespero. A consciência de seu papel como cientista social é revelada pelo exercício constante da fotografia e pelo retorno atemporal às imagens resgatadas pela memória do pesquisador, que se permitiu pensar, ver e agir sobre as imagens realizadas mantendo, até o fim de seus dias, a lucidez de sua objetividade sociológica sem deixar de lado seu engajamento e criticidade política.